

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

O *livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, livro apócrifo

Latuf Isaias Mucci/UFF

Para o Pe. António da Cruz. C.M., *in sacratissimam memoriam*.

RESUMO: Na lendária arca de Fernando Pessoa, o *Livro do desassossego* ocupa um lugar *sui generis*: livro inacabado e inacabável de um escritor multimasclado. Face a esse livro fragmentário, pergunta-se: na constelação heteronímica do drama em pessoa, qual o lugar de Bernardo Soares, escritor-escriturário? Qual versão ler desse livro do semi-heterônimo Bernardo Soares? Como lê-lo: autobiográfica sem fatos, autobiografia fingida, autobiografia sem rosto, metaficção autobiográfica, inventário do cotidiano, escritura epopéica? Apócrifo, indecível, “suicidário”, o *Livro do desassossego*, com suas figurações, desfigurações e configurações, constitui-se, ao fim e ao cabo, “*work in progress*”, um projeto de livro, um livro por vir, um não-livro, na Biblioteca de Babel, engendrando, em seus editores e leitores, inesgotáveis significações de sua geometria do abismo.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; *Livro do desassossego*; Obra apócrifa.

“Por que escrevo este livro? Porque o reconheço imperfeito. Calado seria a perfeição; escrito, imperfeioa-se; por isso o escrevo. E sobretudo porque defendo a inutilidade, o absurdo (...) – eu escrevo este livro para mentir a mim próprio, para trair a minha própria teoria. E a suprema glória disto tudo, meu amor, é pensar que talvez isto não seja verdade, nem eu o creia verdadeiro”.

Bernardo Soares/Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*.

“*Au fond de toutes choses est la tristesse, comme au bout de tous les fleuves est l’océan*”.

Henri-Frédéric Amiel, *Fragments d’un journal intime* (1847-1881).

“O diário de Amiel doeu-me sempre por minha causa”.

Bernardo Soares/Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*.

Na “Biblioteca de Babel”¹, constructo elucubrado por Jorge Luis Borges (1899-1986), bibliotecário pós-moderno, o *Livro do desassossego* cataloga-se no hexágono dos livros apócrifos. Recorrendo-se ao hexágono das obras de referência, o significante “apócrifo” exhibe um espectro de significações: sua etimologia grega – *apokruphos*, *apokruphtein* – traduz-se, em vernáculo, por “esconder”. Nessa esteira significativa, o signo “apócrifo” significa, literalmente, “escondido” e designa, segundo a mais antiga tradição, todo escrito guardado secretamente e furtado ao conhecimento do público; esse era o caso, em Roma, dos livros das sibilas, confiados à guarda dos decênviros. Entre os Judeus, um livro podia ser, ao mesmo tempo, sagrado e apócrifo, ficando depositado no templo e com acesso proibido ao público; na tradição judaica, apócrifo era o não-canônico, um livro não escrito em hebraico, a língua sagrada, como, por exemplo, *Macabeus*, não se inscrevendo, portanto, no cânon ou catálogo público das Escrituras. Já entre os cristãos, estendeu-se o sentido do termo “apócrifo”, na medida em que a canonicidade se tornou o critério da inspiração divina, isto é, a Igreja insere no cânon todos os livros inspirados por Deus, sendo considerado apócrifo todo livro sem a inspiração divina, o que não resulta, necessariamente, numa contestação da autenticidade ou veracidade desse livro. Todavia, aplicando-se à Bíblia, o signo “apócrifo” refere aquelas partes do Antigo ou do Novo Testamento, cuja autenticidade não foi suficientemente estabelecida, sendo, por conseguinte, rejeitadas pela Igreja. Fora da semântica religiosa, o significante “apócrifo” contrapõe-se ao significante “autêntico”: incidia-se como apócrifo todo livro sobre o qual recaia alguma suspeita, qualquer desconfiança, uma dúvida. No hexágono dos livros apócrifos, escondem-se, ainda, por exemplo, *Ossian* (1760), inventado pelo escocês James Macpherson (1736-1796), as *Poésies de Clotilde de Surville*, forjadas por um dos descendentes da pretensa poetisa *Guzla*, o *Théâtre de Clara Gazul* (1825) imaginados pelo francês Prosper Mérimée (1803-1870), livros do espanhol Antonio Machado (1875-1939). Quase toda uma biblioteca poderia abrigar livros apócrifos, incluindo “*Fragmentos de un Evangelio apócrifo*”², daquele portenho Jorge Luis Borges, arquiteto imaginário e fantástico guardador de livros.

¹ BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*, p. 465-471.

² BORGES, Jorge Luis. *O C.* p. 1011-1012.

Apócrifo, demasiado apócrifo, o *Livro do desassossego* configura-se um verdadeiro enigma quanto a várias rubricas: seu autor, a data de sua criação, suas versões, seu real conteúdo.

Atribui-se o *Livro do desassossego* a um tal de Fernando António Nogueira Pessoa, filho de Maria Madalena Pinheiro Nogueira Pessoa e Joaquim de Seabra Pessoa; teria ele nascido em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888, no Largo de São Carlos, e morrido, de cólica renal, no hospital São Luís, na mesma cidade, no dia 30 de novembro de 1935. Debruçado, por quase três décadas, sobre a obra pessoana, Jorge de Sena postula que “aquém da criação em linguagem, ele (Fernando Pessoa) não era uma pessoa. *Pessoa*, nele, era um apelido de família”, e define: “Ele não foi um ‘eu’, mas um ‘anti-eu’”³. Seria Fernando (já me tornei íntimo dele, oh imperdoável, mas prazeroso, atrevimento!) uma “pessoa tranquila, mediana, afável, solitária, solteirona e lúcida, um tanto irônica também, um cidadão pacífico e sem biografia (...), que nunca existiu (...)”⁴. Na sintonia da inexistência biográfica dos poetas, Octavio Paz, que recebeu, em 1990, o Prêmio Nobel de Literatura, declara, solenemente, em “O desconhecido de si mesmo – Fernando Pessoa”, que

“os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia. Pessoa, que duvidou sempre da realidade deste mundo, aprovaria sem vacilar que fôssemos diretamente aos seus poemas, esquecendo os incidentes e os acidentes da sua existência terrestre. Nada na sua vida é surpreendente – nada, exceto os seus poemas (...). O seu segredo, ademais, está escrito no seu nome: *Pessoa*, quer dizer persona (pessoa) em português e origina-se de *Persona*, máscara dos atores romanos. Máscara, personagem de ficção, nenhum: Pessoa. A sua história poderia reduzir-se ao trânsito entre a irrealidade de sua vida cotidiana e a realidade de suas ficções. Estas ficções são os poetas Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e, sobretudo, o próprio Fernando Pessoa.”⁵

Caeiro, mestre dos poetas heterônimos (Bernardo Soares seria o mestre dos prosadores heterônimos), confessa desoladamente: “Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,/ não há nada mais simples./ tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte./ Entre uma e outra, todos os dias são meus”⁶. Também o filósofo português José Gil argüi, contundentemente, aqueles que “impelidos por um desejo absurdo e pertinente, irrisório e irredutível, colocam a si próprios a questão que renasce

³ SENA, Jorge de. *Fernando Pessoa & Ca.. Heterônima*, v. I, p. 180.

⁴ Id., ib.

⁵ PAZ, Octavio. *Signos em rotação*, p. 201-202.

⁶ PESSOA, Fernando. *Obra poética*, p. 171.

sempre das suas cinzas: ‘Quem era Fernando Pessoa?’ (Mas ‘quem’ é o quê, é quem?, etc.)”, e oferece, poeticamente, uma possível resposta: alguém que quis exteriorizar-se totalmente, revertendo a sua alma para o exterior – permanecendo ele próprio como ponto de fuga desse movimento, o único que nos ajuda a compreender até certo ponto o que significa criar uma ‘Realidade’ por meio da arte (desfazendo os labirintos do mistério, da metafísica e da verdade (...))⁷. Sobre seu amigo íntimo Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), escrevera Fernando Pessoa: “ Felizmente, em todo o sentido, de todos os sentidos, o Sá-Carneiro não teve biografia: teve só génio. O que disse foi o que viveu”⁸, tal qual, aliás, Alberto Caeiro: “na vida de Caeiro nada se passou, a não ser os versos que viveu”⁹. Não terá sido mera coincidência o fato de Fernando Pessoa, astrólogo, ter fixado como data da morte de Alberto Caeiro o mesmo ano do suicídio espetacular de Sá-Carneiro.

Parece que tudo já se disse de Fernando Pessoa, poeta, crítico e ficcionista. Nada, no entanto, se disse de Fernando Pessoa. Tudo o que se tem escrito a respeito do poeta de *Mensagem* (1934) inscreve-se nos interstícios do tudo e do nada daquele que, urdindo-se um mito, enunciou: “O mytho é o nada que é tudo”¹⁰; ainda, perfazendo a odisséia de si, declara, no mesmo poema “Ulysses”, que narra a fundação mítica de Lisboa: “Assim a lenda se escorre/ A entrar na realidade (...)”¹¹.

Quantas pessoas haverá em Pessoa? Quantas máscaras – *personae* – esconderão, indigitando, o rosto esfíngico de Fernando Pessoa? Na dialética da velação/revelação/velação, Fernando Pessoa, grande mitômano, forjou o neologismo “heterônimo” para servir de significante de sua poética, que separa vida e obra, ou melhor, torna a vida uma obra de arte, um texto, uma escritura, como sentença Álvaro de Campos: “Viver não é necessário; o que é necessário é criar”, enunciado que ecoa na voz de Bernardo Soares: “ Quero ser uma obra de arte”; Fernando Pessoa *ipse* canta, em seu *Cancioneiro*: “ Fosse eu uma metáfora somente/ Escrita nalgum livro insubstancial/ Dum poeta antigo, de alma em outras gamas (...)”¹² É significativo notar-se que o neologismo “heterônimo”, da verve do fundador do modernismo português, “escorreu” para outros

⁷ GIL, José. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*, p. 188-189.

⁸ SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Correspondência com Fernando Pessoa*, p. 21.

⁹ Id., ib., p. 22.

¹⁰ PESSOA, Fernando. *Obra poética*, p. 6.

¹¹ Id., ib.

¹² Id., ib., p. 60.

idiomas. Em carta a João Gaspar Simões, datada de 11 de dezembro de 1931, o nosso poeta declarava: “ O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho, continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo (...)”¹³. Fernando é mais emblema que pessoa, mais símbolo difuso que discurso coerente. Homem de máscaras que olham máscaras, é como se só máscaras o pudessem ler e porventura compreender. No hexágono dos supostos escritores, o pesquisador da Biblioteca de Babel deparou-se com um labiríntico elenco, onde figuram: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, António Mora, Bernardo Soares, Alexander Search, Charles Search (“irmão” mais novo do anterior), Chevalier de Pas, Dr. Abílio Ferreira Quaresma, Vicente Guedes, C. Pacheco, A A Cross, Charles Robert Anon, o Barão de Teive, Jean Seul de Méluret, Dr. Nabos, Pantaleão, Carlos Otto, Caesar Seek, Ferdinand Sumam, Jacob Satan, Erasmus, Mister Dare, Frederico Reis, Thomas Crosse, Dr. Pancrácio, Raphael Baldaya, Frederico Reis (“irmão” de Ricardo Reis), David Merrick, Pêro Botelho, Kapp de Montale...Meu Deus, uma enumeração quase caótica, quase infinda, que lembra o hiperbólico verso de Mário de Andrade (1893-1945): “Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta”¹⁴ (ANDRADE: 1987, 211); mas Mário não inventou heterônimos, tendo criado, no máximo, um *nom de plume*, um pseudônimo (ou semi-pseudônimo, ou meio-pseudônimo, ou meio-irmão,) – Mário Sobral -, inscrito como autor de *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), libreto parnasiano contra a guerra¹⁵. Houve gente que já elencou, no “teatro íntimo do eu” pessoano, 72 heterônimos, um rol, pois, sempre em aberto, como o próprio baú em madeira que guarda, e resguarda, cerca de 25.000 originais. O caso de Fernando Pessoa oferece, com o cerrado jogo dos heterônimos, uma inesgotável complexidade. Como analisar a heteronímia pessoana, caso único na história de todas as literaturas? Retomando a biografia ficta de Fernando Pessoa, Jorge de Sena analisa a “companhia heterónima” como obra (ópera, poder-se-ia dizer) de

um louco, se os loucos não fossem todos os outros, ou um “medium”, se eles fossem espíritos vindos do Além, e não, como eram, realidades absolutas no espírito, que visitavam, de um homem que, em vez de personalidade, só tinha imaginação para escapar a si mesmo. Tudo e todos foram “heterónimos” nele e quiçá o foi também o cidadão, pacífico e ‘gentlemanlike’, com os seus ‘hobbies’¹⁶.

¹³ PESSOA, Fernando. *Cartas a João Gaspar Simões*, p. 101.

¹⁴ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, p. 211.

¹⁵ ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*, p. 9-42.

¹⁶ SENA, Jorge de Sena. *O C.*, *loc. cit.*

Esquizofrenia exacerbada? Psicografia incontrolável? Uma auréola ficcionista? Uma farsa fenomenal? Uma boa *blague* moderna? Mistificações modernistas? Disfarce do disfarce? Avatares *au hazard*? Um fantástico embuste? Uma burla bárbara? Um lance genial de mercado? “Estratagem para atingir a imortalidade?”, pergunta Georg Rudolf Lind¹⁷. Conforme Angel Crespo, “Pessoa é, assim, o poeta que se reparte para se reconstruir, depois de ter conhecido as virtualidades criadoras dos seus *disjecta membra poetae* (...), ou para que o reconstruam os seus leitores, mediante a encenação crítica do seu drama”¹⁸. Ao especular sobre o “devir-outro da heteronímia”, José Gil falará de “cissiparidade em abismo”, o processo pelo qual a consciência “reflecte-se sobre si própria, olha-se e olha o outro em que se transforma, e vê-se mais nua, mais ‘subtil’, mais abstracta. Em suma, a produção do outro (ou antes, dos outros) na multiplicidade faz-se graças às trajectórias em abismo que a consciência realiza”¹⁹. No celeberrimo “Ultimatum”, escrito sob a máscara de Álvaro de Campos, o protéico Poeta determina: “Nenhum poeta deverá ter só uma personalidade. Deverá ter várias, organizando cada uma por reunião concretizada de estados de alma semelhantes, dissipando assim a ficção grosseira de que é uno e indivisível”²⁰.

Outro abissal poeta da literatura da língua lusa – Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) - dialoga, fissurado ele também, com o co-irmão português, no belíssimo poema “As identidades do Poeta”, de que figuram como exemplos estas estrofes:

Quem radiografa, quem esclarece
 Fernando Pessoa,
 feixe de contrastes, união de chispas,
 aluvião de lajes
 figurando catedral ausente de cardeais,
 com duendes oficiando absconso ritual
 Velado a profanos?

Afinal, quem é quem, na maranha
 de fingimento que mal finge
 e vai tecendo com fios de astúcia
 personas mil na vaga estrutura

¹⁷ LIND, Georg Rudolf. Reflexões acerca da estética de Fernando Pessoa. In: PESSOA, Fernando. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*, p. XII.

¹⁸ CRESPO, Angel. *Estudos sobre Fernando Pessoa*, p. 55.

¹⁹ GIL, José. *O. Cit.*, p. 187.

²⁰ PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*, p. 518.

de um frágil Pessoa?²¹

Na trama pessoana, que entretence poesia e prosa – duas faces da mesma efígie²² -, nomes fictícios aparecem como autores tanto da obra poética quanto da obra em prosa. O *Livro do desassossego*, dado a lume apenas, por complicadas razões editoriais, em 1982, não escapa ao artilho do fingimento de Fernando Pessoa – esfinge moderna - e constitui, na biblioteca de Babel, mais um livro à procura de um autor. Quem escreveu o *Livro do desassossego*? Vicente Guedes, Bernardo Soares, Fernando Pessoa? Depois de considerar a autonomia dos heterônimos com relação a seu criador, “ao mero lugar-Pessoa, onde eles eclodiram, e a condição de Pessoa, ‘ele mesmo’ como um heterônimo a mais e nem mesmo o mais importante”, Leyla Perrone-Moisés pontua que “o *Livro de desassossego* obriga-nos a repensar a questão da heteronímia, mas não de modo a simplificá-la. Pelo contrário, com o conhecimento que agora temos desses textos, o drama heteronímico de Pessoa nos aparece como artisticamente mais complexo e existencialmente mais terrível”²³. Se considerarmos Bernardo Soares como o autor do *Livro*, poderemos, igualmente, vislumbrá-lo como um virtual criador de heterônimos, entre os quais um incerto Vicente Guedes e certo insistente Fernando Pessoa. No texto-prefácio à primeira edição do *Livro do desassossego*, Jacinto do Prado Coelho escreveu:

Se há uma obra que nos obrigue a uma leitura intertextual, essa obra (...) é o *Livro do desassossego*. Refiro-me à intertextualidade dentro do universo pessoano, do sistema ‘poetodramático’ (para usar uma expressão de José Augusto Seabra) que o institui. A cada passo entremos no *Livro*, em suas palavras e interstícios, além de outros textos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, os poemas do *Cancioneiro*, o *Fausto* fragmentário, os apontamentos das *Páginas íntimas*), um texto diferente, tecido pelos dados de que dispomos sobre Pessoa da biografia e o seu drama, a um tempo escondido e revelado pelas várias *personae*²⁴

Com efeito, o *Livro do Desassossego* pode ser abordado como uma arca dentro da arca original de Pessoa, de onde não cessam, como num passe de mágica, de aparecer fantasmas

²¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. As identidades do Poeta. In: *Colóquio-Letras*, Lisboa, no. 88, novembro de 1985, p. 6-7.

²² NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*, p. 255-262.

²³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Introdução ao desassossego. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p. 24-25.

²⁴ COELHO, Jacinto do Prado. Fernando Pessoa sempre existiu. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, v. I, p. XIX-XX.

e livros; é um útero ainda fecundo que Pessoa legou à posteridade, talvez vingando-se de seus contemporâneos, que não o elevaram à altura de Camões, o outro *pendant* do império cultural português. Na famosa carta sobre a gênese dos heterônimos, enviada em 13 de janeiro de 1935, a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa pondera:

O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muito coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio ou de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade (...) ²⁵

Quanto ao estranho sintagma “menos raciocínio e a afectividade”, José Martins Garcia considera-a, em *Fernando Pessoa, “coração despedaçado”*, por inviável, “hiperbólica”, devida, certamente, ao caráter de “devaneio e o desconexo lógico” do *Livro*. Quanto à palavra “mutilação”, aplicada a Bernardo Soares, diz o estudioso que “vem reforçar, a par do uso de ‘semi-heterónimo’, as semelhanças entre Pessoa *ipse* e o fictício ajudante de guarda-livros. Se não se pode afirmar que B. Soares é o autêntico Pessoa, o facto deve-se, não à escassez de afinidades entre um e outro (que são muitas), mas ao facto de não sabermos quem foi o *autêntico* Pessoa” ²⁶. Já em carta dirigida a João Gaspar Simões, em 28 de julho de 1932, nosso Poeta, dando também as suas razões, designa Bernardo Soares por “personalidade literária: “O B.S. não é um heterónimo, mas uma personalidade literária” ²⁷. Ao especular sobre o “devir-outro da heteronímia”, José Gil falará de “cissiparidade em abismo”, o processo pelo qual a consciência “reflete-se sobre si própria, olha-se e olha o outro em que se transforma, e vê-se mais nua, mais ‘subtil’, mais abstracta. Em suma, a produção do outro (ou antes, dos outros) na multiplicidade faz-se graças às trajectórias em abismo que a consciência realiza” ²⁸ Qual será o verdadeiro eu: o eu-eu ou o eu-outros? Afinal, quem escreveu o *Livro do Desassossego*, onde se lê, num emaranhado de pistas, falsas pistas, armadilhas, maliciosas armadilhas: “Há metáforas que são mais reais do que a gente que anda na rua” ²⁹. Quem será o autor desse discurso anti-mímesis? Assim começa Jorge de Sena sua “Introdução ao *Livro do desassossego*: “É célebre a “blague” de Cocteau sobre Victor Hugo: ‘Victor Hugo *c’était un fou qui se*

²⁵ PESSOA, Fernando. *Páginas de doutrina estética*, p. 268.

²⁶ GARCIA, José Martins. *Fernando Pessoa, “coração despedaçado”*, p. 411.

²⁷ PESSOA, Fernando. *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, p. 91.

²⁸ GIL, José. *O cit.*, p. 187.

²⁹ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p. 172-173.

croyait Victor Hugo’. Aplicando-se a frase a Fernando Pessoa, poderíamos dizer que ‘Fernando Pessoa *c’étaient plusieurs fous qui se croyaient* Fernando Pessoa’³⁰. Haveria, em algum lugar, um verdadeiro e total Fernando Pessoa-unívoco? Unívoco, plurívoco, Fernando Pessoa firma-se, mais que tudo, equívoco, pulverizado em outros eus, que se justapõem, se opõem, se contrapõem. Será Bernardo Soares o maestro desta orquestra desassossegada? Será o escriturário-escritor o regente-contador dessa turba muita desvairada? Será Bernardo Soares a estrela cadente (decadente) da galáxia heteronímia? Mas será ficcional essa imagem, ou, de fato, não podem os seres humanos ser outra coisa que seres de ficção? A quem, por conseguinte, atribuir a autoria do *Livro do desassossego*? A Fernando Pessoa, em seu próprio nome, a Vicente Guedes ou a Bernardo Soares? Seriam três os autores – um real, os outros dois fictícios do *Livro* ? Tratando dessa complexa autoria, António Quadros reflete que

de quando em quando surge a figura de outro pequeno funcionário, como Soares: é Vicente Guedes. Mas os três são o mesmo, olhando-se de vários ângulos como num espelho de três faces: Pessoa abre-se, numa espécie de ficção existencial e reflexiva, como Bernardo Soares; e Bernardo Soares-Pessoa, por seu turno observa, mas de fora, um Vicente Guedes que é muito provavelmente o seu retrato ao nível do quotidiano, mas subtraindo-lhe a actividade literária, os compromissos culturais, o estro poético e, evidentemente, o gênio³¹.

Especula-se, ainda, sobre um quarto fictício autor do *Livro* – o Barão de Teive, logo, logo caracterizado como “colaborador”: numa trama realmente detetivesca, Fernando Pessoa teria saqueado “o único manuscrito do Barão em proveito do guarda-livros”³². *Mise en abyme*, a obra pessoana reverbera tantas faces quantos textos o leitor tenha diante de si: “Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma delas e está em todas”. No prefácio ao *Livro do desassossego*, estranhamente semelhante a um texto do próprio livro apresentado, que inscreve, como autor, o nome de Fernando Pessoa, depara-se o leitor com ambíguas deixas; o narrador relata a conversa casual com alguém - “que aparentava trinta anos, magro mais alto que baixo, curvado exageradamente quando sentado, mas menos quando de pé, vestido com um certo desleixo não inteiramente

³⁰ SENA, Jorge de. O Cit., v I, p. 179.

³¹ QUADROS, António. *Fernando Pessoa, a obra e o homem*, p. 103.

³² ZENITH, Richard. Introdução. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p. 25.

desleixado. (...) A sua voz era baça e trêmula como a das criaturas que não esperam nada, porque é perfeitamente inútil esperar”³³ - que reencontrara no restaurante que ambos freqüentavam para jantar: “A certa altura, ele perguntou-me se eu escrevia. Respondi que sim. Falei-lhe da revista *Orpheu*, que havia pouco aparecera. Ele elogiou-a, elogiou-a bastante, e eu então pasmei deveras. Permiti-me observar-lhe que estranhava, porque a arte dos que escrevem em *Orpheu* sói ser para poucos. Ele disse-me que talvez fosse dos poucos. De resto, acrescentou, essa arte não lhe trouxera propriamente novidade: e timidamente observou que, não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, soía gastar as suas noites no seu quarto alugado, escrevendo também”³⁴. Face a essa cena, em que se introduz o dado histórico da revista *Orpheu*, pode o leitor perguntar-se: “seria ele (Fernando Pessoa) quem teria encontrado Bernardo Soares e, nesse caso, seria ele o narrador desse encontro? Ou teria sido Bernardo Soares que encontrara Pessoa e lhe falara de *Orpheu*? Afinal, ambos correspondem ao mesmo retrato falado: empregado de escritório e escritor. Vertiginoso encontro especular em que o dado real (*Orpheu*) autentica os dois interlocutores como existentes, ao mesmo tempo que indetermina a autoria do *Livro*, desrealizando-o”³⁵. A opinião sobre a inutilidade do esperar será do narrador que encontra Bernardo Soares, ou da personagem Bernardo Soares? A se supor que seja da responsabilidade de ambos, trava-se uma inequívoca solidariedade entre narrador e criatura. Pelo relato do encontro fortuito entre dois homens num restaurante, sugere-se a hipótese do possível diálogo entre Bernardo Soares e Fernando Pessoa. A alusão à revista “Orpheu” ancora a ocorrência no chão da realidade factual. Mas, a par disso, esfuma-se a identidade do eu que narra. Quem é o enunciador do discurso? Pessoa ou Soares? E o narrador do prefácio é também o da obra? No entanto, Bernardo Soares, potencial narrador, inclina-se apenas a comentar a sua própria ficção ou ficção de si mesmo. Bernardo Soares é a sua própria ficção: “Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelos sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos”³⁶. Tecendo considerações sobre a obra pessoana, Maria

³³ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p. 40.

³⁴ Id., ib., p. 40.

³⁵ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Loc. Cit.*, p.26.

³⁶ PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*, p. 164.

Aliete Galhoz afirma que “ (...) Bernardo Soares (...) (é uma) espécie de irmão siamês seu, e tão perigosamente ligados um ao outro que Fernando Pessoa não pôde separá-lo de si para o completo destino heterônomo que começava atribuir-lhe”³⁷.

Na Biblioteca de Babel, o nome de Bernardo Soares splende com mais luz, porém, os outros nomes brilham na sombra desse jogo apócrifo, nomeado *Livro do desassossego*, composto entre 1913 e 1934 (alguns estudiosos, entre os quais Richard Zenith, registram a data de 1935 como o termo da “composição” do *Livro*), portanto até um ano antes da morte de Fernando Pessoa, com cuja vida se confunde, diferentemente, pois, dos heterônimos completos, eclodidos em 1914 e cuja cronologia não coincide com a do seu inventor: Alberto Caeiro (1889-1915); Ricardo Reis (1887-1935); Álvaro de Campos (1890-1935). *Mutatis mutandis*, pode-se dizer que, tal como o *Fausto*, também inacabado, o *Livro do desassossego* foi uma tarefa, intermitente como febre, que ocupou a vida toda do Poeta. Situado em algum ponto do contínuo que vai da generalização filosófica à introspecção existencial, do discurso de exploração especulativa ao da recomposição das cenas cotidianas, a função mais abrangente atribuível ao *Livro* é aquela mesma do *registro*, um registro que se desdobra em múltiplas funções, mas que não abdica nunca de uma ancoragem circunstancial. Daí a notável analogia entre sua forma e a do diário íntimo e a referência a Amiel (1821-1881) ser praticamente inevitável. E, por falar em Amiel, êmulo de Bernardo Soares, João Gaspar Simões postula que “(...) nos anais da literatura intimista universal, o mais perfeito paradigma desse gênero (...) (foi) Henri-Frédéric Amiel”³⁸. De todos as vozes heteronímicas, Bernardo Soares é a única que toma como tema a vida de todos os dias, conviveu com Fernando Pessoa (nisso, ainda uma vez, assemelhando-se, fortemente, a Álvaro de Campos, o único heterônomo que “conheceu” seu criador) e é também a única a que seu inventor conferiu uma forma carnal literária, mesmo que (ou precisamente por isso) esta não tenha mais consistência do que “a sombra deixada por um corpo”. Mas, qual a ficha catalográfica de Bernardo Soares? Segundo carta de 28 de julho de 1932 a João Gaspar Simões, é “um semi-heterônomo”; de acordo com Massaud Moisés, Bernardo Soares “é o único semi-heterônomo declarado; os outros ficaram em projeto, esboçados ou escassamente expressos, inclusive A Mora, seu *alter ego* filosófico mais

³⁷ GALHOZ, Maria Aliete. In: SARAIVA, Arnaldo. *Encontros, desencontros*, p. 99.

³⁸ SIMÕES, João Gaspar. *Fernando Pessoa, breve história de sua vida e obra*, p. 162.

fecundo”³⁹. Conforme João Gaspar Simões, “(...) o caso Bernardo Soares, a tal ‘personalidade literária’ ou a tal ‘personagem de romance que figura como autor de o *Livro do desassossego*, de que Fernando Pessoa se reconhece autor, parece-me, apesar de tudo, tão importante que só através dele ou dela poderemos chegar, na minha maneira de ver, ao ‘fingimento’ estrutural, digamos, de todo o chamado ‘drama em gente’, o qual consiste no mesmo Fernando Pessoa mais o conjunto dos seus vários heterônimos”⁴⁰. Já, para outros estudiosos, como António Quadros, Bernardo Soares cataloga-se como um “sub-heterónimo”. Seria, então, o suposto autor do *Livro do desassossego* um pseudónimo, uma pseudo-máscara, uma semi-máscara, uma máscara vazada, uma máscara da máscara? Pode-se considerar Bernardo Soares o pós-heterónimo de um livro mais do que póstumo? Em Bernardo Soares fervilham, embrionariamente, todos os heterónimos. Designado como “semi-heterónimo” é Bernardo Soares, na constelação heteronímia, na literatura alquímica de Fernando Pessoa, o *semion*, o signo dos signos, o nome seminal de todos a obra pessoana – a ortónima e a heterónima.

Bernardo Soares é um biógrafo sem biografia e compõe uma “biografia sem fatos”: “Invejo – mas não sei se invejo – aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria. Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem fatos, a minha história sem vida. São as minhas Confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer”⁴¹.

De acordo com António Quadros, “há na realidade dois *Livros do desassossego*. Um primeiro, primitivo, escrito no estilo simbolista, neo-romântico, decadentista, muito metafórico, com grande acentuação no sonho, na fuga à realidade próxima e comezinha, no desejo de transcendência e mais além, dentro do clima entre nós representado principalmente por Eugénio de Castro, Camilo Pessanha, de certo modo Teixeira de Pascoaes, Mário Beirão, ou até mesmo Mário de Sá-Carneiro em muitos aspectos e, bem entendido, o Fernando Pessoa, de 1912-1914, anterior à criação dos heterónimos e ao vanguardismo do *Orpheu*. E um segundo *Livro*, muito mais tardio, cuja ‘autoria’ nosso poeta quis atribuir a Bernardo Soares”⁴². Já para outro emérito estudioso da cultura, das

³⁹ MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*, p. 142.

⁴⁰ SIMÕES, João Gaspar. *O Cit.*, p.167.

⁴¹ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p. 54.

⁴² QUADROS, António. *O Cit.*, p. 13.

Letras e da obra pessoana, Jorge de Sena, o *Livro do desassossego* desenvolve-se em três fases fundamentais: a primeira, simbolista e esteticista, situa-se entre 1912-1913 e 1914, com recorrências até 1917; a segunda, intermediária correspondendo a um período de dormência hesitante, constituída apenas por fragmentos soltos, iria de 1917 a 1919; a terceira, enfim, estende-se entre 1929 e 1934. Bernardo Soares seria o “autor” da terceira fase do livro, que tem um tom mais confessional, diarístico e coloquial ⁴³. Por sua vez, Georg Rudolf Lind aceita apenas duas fases: a primeira, de 1913, com prolongamentos ocasionais até 1928-1929, em que os textos se distinguem pela artificialidade rebuscada; a segunda, posterior a 1929, em que, já pós-simbolistas, os textos tendem à simplicidade e exatidão da expressão. Organizando a edição da Ática do *Livro do desassossego*, Jacinto Prado Coelho não levou em conta tais classificações, tampouco seguiu uma seriação cronológica e optou por “manchas temáticas”.

Se o *Livro do desassossego* não é um livro, mais são dois livros, há, também versões várias desse livro, avatares insuspeitos de um livro inacabado, que a pesquisa em curso define como livro-problema. A situação de um livro que é vários remete ao axioma de Nietzsche (1844-1900), segundo o qual não há verdade, mas versões da verdade. Portanto, o próprio texto do *Livro do desassossego* trava um jogo de máscaras. Há um verdadeiro *Livro do desassossego* ou será esse estranho livro nenhuma de suas versões e, ao mesmo tempo, cada uma dessas versões, como o jogo do espelho retorcido, que projeta sombras fantásticas? Do levantamento efetuado na Biblioteca de Babel encontram-se, até o momento, desconstruídas versões do livro que Fernando Pessoa jamais organizou (na realidade, apenas *Mensagem* foi publicado em sua vida, em 1934). “Autobiografia sem factos” e “autobiografia de quem nunca existiu”, essas edições configuram, de fato, uma confecção engenhosa de quantos pesquisadores de um livro do livro que nunca existiu, projeto de livro, esboço de textos, rascunhos fortuitos, ou, como o caracterizaria o próprio Fernando Pessoa, em carta de 19 de novembro de 1914, a Armando Cortes-Rodrigues: “mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos”. Recorrendo-se à história desse livro *sui generis*, buscando-se a gênese dessa obra mais do que consútil, com costuras esgarçadas, dá-se conta o investigador, sempre perplexo, que um primeiríssimo fragmento – “Na floresta do alheamento” (note-se que Jorge de Sena grafa “alheamento”) – fora publicado,

⁴³ SENA, Jorge de. *O cit.*, p.207.

em agosto de 1913, na revista “Águia”, do Porto, dirigida por Teixeira de Pascoaes, e onde Pessoa estreara literariamente; o texto “Na floresta do alheamento” aparece assinado por Fernando Pessoa e, no final, tem a indicação “Do *Livro do desassossego*, em preparação”. Texto “excessivamente” requintado, “Na floresta do alheamento” traz inconfundíveis marcas do decadentismo *fin-de-siècle* ⁴⁴. Os números 2 e 4 da “Solução editora” estamparam, em 1929, alguns fragmentos; o número 3 de “Descobrimento”, publicou, em 1931, outros fragmentos e “Presença”, no seu número 27, de 1930, e 34, de 1932, também editou alguns fragmentos do *Livro*. ⁴⁵ Na clave da leitura do próprio Fernando Pessoa, Georg Rudolf Lind lê o *Livro do desassossego* como “um breviário do decadentismo”⁴⁶. O decadentismo daquele que se declarou: “Eu, poeta decadente”⁴⁷ ecoa em outros poemas, como “Visão”, “Tédio”, “Hora morta”, “Hora absurda”, “Chuva oblíqua” e os “Sonetos dos Passos da Cruz”, obras-primas engendradas dentro do mais lídimo *air du temps*. Jorge de Sena aponta a fonte decadentista de Pessoa: “Pessoa dá, por sobre o esteticismo que o marcou, a mão a Nietzsche, como ser consciente de uma missão *subversiva*” ⁴⁸. Pode, então, concluir, António Quadros: “Se, à luz das referências apontadas, observamos os textos, com ou sem título, mas quase sempre com títulos, escritos sob a epígrafe do *Livro do desassossego* entre 1913 e 1915 ou 1916, chegaremos à conclusão de que foram um *corpus*, cujo autor é Fernando Pessoa ele próprio e não qualquer heterônimo ou semi-heterônimo, de peças de ficção literária e de prosa poética, que chegou como vimos a classificar como produtos doentios, nascidos de um estado de espírito de depressão profunda e calma e sobrecarregados daquele esteticismo simbolista e decadentista cujos paradigmas são ‘Na floresta do alheamento’ ou ‘O marinheiro’ e que atingiram porventura o seu máximo esplendor em trechos como ‘Nossa Senhora do Silêncio’ ou a ‘Marcha fúnebre para o Rei Luís Segundo da Baviera’ ⁴⁹. No entanto, a assinatura dos primeiríssimos fragmentos funcionaria como um ardil para os outros fragmentos, com ou sem data, com o nome físico ou fictício, fragmentos de um livro por ser, um livro por vir,

⁴⁴ MUCCI, Latuf Isaias. *Ruína & simulacro decadentista: uma leitura de Il piacere*, de D’Annunzio.

⁴⁵ COELHO, Jacinto do Prado. *Unidade e diversidade em Fernando Pessoa*, p. 80.

⁴⁶ LIND, Georg Rudolf. O *Livro do desassossego*, breviário do decadentismo. In: *Persona*, número 8, março de 1983.

⁴⁷ PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*, p. 301.

⁴⁸ SENA, Jorge de. *Da poesia portuguesa*, p. 172.

⁴⁹ QUADROS, António. *O cit.*, p. 21.

um livro que, de tão aberto, não é mais sólido e desmancha-se no ar das letras, precárias, todavia essenciais.

Os originais de *O livro do desassossego* foram encontrados na arca-berço, que contém, além dos cerca de 25.000 papéis, que constituem o espólio do poeta de *Mensagem*, também cinco grandes envelopes com a indicação “L.do D.”, alguns datados, outros não, e assumem formas diversas: textos impressos, páginas datilografadas, pedaços de papel rabiscados, superposições transversais de caligrafia sobre datilografia; desses cerca de 450 trechos, apenas 12 foram publicados em vida de Fernando Pessoa⁵⁰. Definitivamente, os arcanos dessa arca exibem mistérios, mistérios, mistérios... José Martins Garcia informa que um primeiro *Livro do desassossego* editou-se, supõe ele, em 1961, com o subtítulo “Páginas escolhidas”, no Porto, por Arte e Cultura⁵¹.

Dado que a arca pessoana – baú sem fundo ou baú com fundo falso - não guarda nenhum original, completo e acabado, de *O livro do desassossego*, cada edição organiza-se conforme critérios subjetivos, estabelecidos pelo responsável pela edição. Podem ser, conforme assinala Leyla Perrone-Moisés, critérios absolutamente aleatórios, de acordo com o achado no baú, bem como pode-se obedecer a indicações cronológicas, existentes em alguns dos fragmentos, ordenados segundo métodos filológicos e de crítica genética⁵². Conforme assinalado supra, a primeira edição de *O livro do desassossego*, “edição-princeps”, foi estabelecida, dada a complexa problemática editorial, somente em 1982, em dois volumes, por Jacinto do Prado Coelho, para a editora portuguesa Ática; pioneira, essa edição encontra-se, infelizmente, esgotada, bem como esgotadas estão as edições da Presença, de 1990-1991, montada por Teresa Sobral Cunha e Maria Aliete Galhoz, e a reedição dessa mesma compilação, corrigida e reordenada, em 1997, pela Relógio d’Água. Ainda em Portugal, apareceu, em 1986, por Europa-América, a edição, igualmente em dois volumes, sob a responsabilidade de António Quadros. Fiel a seu postulado de que há, na realidade, dois *Livros do desassossego*, Quadros inclui, no primeiro volume, o que seria o núcleo fundamental do livro – de 1929 a 1934 -, deixando, paradoxalmente, para o segundo volume o núcleo mais antigo – de 1913 a 1914, “se bem que nos anos subseqüentes, até 1916-1917, ou mesmo prolongando-se até aos anos 20, tenha continuado a escrever de

⁵⁰ SENA, Jorge de. *Fernando Pessoa & ca. Heteronímia*, p. 206-207.

⁵¹ GARCIA, José Martins. *O cit.*, p. 414.

⁵² PERRONE-MOISÉS, Leyla. *O. Cit.*, p. 11.

quando em quando para ele uma ou outra página”⁵³. Essa edição parte, portanto, de um critério cronológico, até onde seria possível; o organizador leva em conta, ainda, a questão do conteúdo e estilo, contrapondo-se, a seu ver, um texto “primitivo, escrito no estilo simbolista, neo-romântico, decadentista, metafórico, com grande acentuação no sonho, na fuga à realidade próxima e comezinha, no desejo de transcendência e de mais além” a um estilo da “maturidade do poeta”⁵⁴. Todavia, adverte o pesquisador que “os dois *Livros* não são entre si contraditórios, até porque persistem no segundo, embora com uma diferente escrita, muitos dos *leit motivs* do primeiro”. No Brasil, apaixonado por Fernando Pessoa, contamos com a edição, sob a responsabilidade de Tereza Sobral Cunha, da UNICAMP; em 1994, a da Brasiliense, com seleção de Leyla Perrone-Moisés; e a edição, em 1999, da Companhia das Letras, estabelecida por Richard Zenith, norte-americano, da Virginia, que, há mais de uma década, dedica-se à obra de Pessoa. Argumentando que toda edição do *Livro do desassossego* é discutível, Leyla Perrone-Moisés explica que “a nossa não é uma edição completa do *Livro*; é uma seleção de fragmentos feita a partir da edição portuguesa em dois volumes. Mas haverá sentido em falar em ‘edição completa’ de uma obra que não tem nem nunca terá um *corpus* definitivo? Poderá, isto sim, haver edições mais completas, mais fiéis aos originais, edições preparadas e apresentadas com todo o aparato crítico que a crítica textual permite. Mas esta é uma edição voluntariamente incompleta e decididamente pouco científica. Não é uma edição para especialistas ou estudiosos da obra de Pessoa; é apenas uma edição corrente, feita para os amadores do Poeta, que são legião em nosso país”⁵⁵. A organização a cargo de Richard Zenith já se encontra em sua segunda edição e em segunda reimpressão, em 2003. É importante notar que a primeira edição pela Companhia das Letras constitui-se uma reedição, corrigida e (“umas cem retificações”) da primeira edição do *Livro do desassossego*, publicada pela Assírio & Alvim. Pondera Zenith: “Não menos espinhosa do que a definição do *corpus* é a sua arrumação. Rejeitei à partida que fosse cronológica, já que esta não é uma edição crítica. E mesmo que fosse, valeria a pena ordená-la assim? Há apenas cinco trechos com data dos anos 10, e uns cem do período 1929-1934. A análise dos indícios textuais para situar as centenas de trechos sem data na época certa tem sido pouco frutífera. (...) Seria decerto possível estabelecer uma cronologia

⁵³ QUADROS, António. *O cit.*, p. 13.

⁵⁴ *Id.*, *ib.*

⁵⁵ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *O. Cit.*, p. 34-35.

aproximada a partir de um exame minucioso dos papéis, das tintas e da caligrafia dos originais (...), mas pergunta-se outra vez: seria esta a melhor maneira de organizar os trechos?”⁵⁶. Esse crítico abole, portanto, qualquer ordenação cronológica, qualquer estrutura temática e cria uma outra moldura para o *Livro do desassossego*, inclassificável, inadaptado a convenções, rebelde a códigos, inclusive ao código do livro, que nomeia, metalingüística e ironicamente, este acervo de fragmentos. Zenith confessa, então: “É impossível apresentar, com justiça, o texto do *Livro do desassossego*, pontuado por centenas de variantes”⁵⁷.

No hexágono do desassossego, este pesquisador optou para estudo pela edição do *Livro do desassossego* organizada por Richard Zenith, não só porque é a mais atual, mas porque parece ser o mais completa possível, enumerando, como outras organizações já o fizeram, os fragmentos, o que vem a facilitar a citação, além de uma excelente “Introdução”, vazada numa fascinante crítica genética. Aliás, no hexágono dos livros traduzidos, onde constam edições do *Livro do desassossego* em árabe, alemão (sete edições), italiano (cinco edições), hebreu, búlgaro, checo, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol (cinco edições), francês, finlandês, grego, holandês, húngaro, inglês, japonês, norueguês, polonês, romeno, a tradução inglesa deve-se a Richard Zenith, o que confirma um estudo intenso dessa obra (note-se que a edição americana tem outro tradutor, Alfred MacAdam). Aqui, uma nota interessante a respeito do *Livro do desassossego* enquanto fenômeno literário: o Instituto Norueguês do Nobel promoveu uma votação com alguns dos mais renomados escritores do mundo (o Brasil foi representado por Ana Miranda e João Ubaldo Ribeiro) para escolherem os 100 melhores livros de ficção de todos os tempos. Pois bem, *Dom Quixote*, de Cervantes (1547-1616), obteve, com 50 por cento dos votos, o primeiro lugar; o *Livro do desassossego* classificou-se em 71º. lugar; os outros livros em língua portuguesa foram *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (1908-1967), em 37 lugar, e *Memorial do convento*, de José Saramago, em 80º. lugar.

No hexágono de fortunas críticas, ilustres críticos (Jacinto do Prado Coelho – o primeiríssimo -, João Gaspar Simões, Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, Leyla Perrone-Moisés, Teresa Sobral Cunha, Maria Alzira Seixo, Eduardo do Prado Coelho, Arnaldo

⁵⁶ ZENITH, Richard. *Loc. Cit.*, p. 33.

⁵⁷ Id., *ib.*, p. 34.

Saraiva, Massaud Moisés, apenas para registrar uma plêiade celebratória) têm-se ocupado do *Livro do desassossego*, obra ímpar no baú das maravilhas pessoanas. Pesquisadora de primeira hora do *Livro*, Maria Aliete Galhoz sintetiza poeticamente, num tom à la Bernardo Soares: “ O *Livro do desassossego* é a nostalgia e a arte-saudade de uma pátria anterior e é a iluminada beleza de todo o efêmero que nos possui. Um copo de água que se leva à boca nauseada e de repente sabe a haver uma fonte”⁵⁸ . Em belo ensaio, Massaud Moisés, fundador, na USP, da cadeira de literatura portuguesa, pergunta : “*Livro do desassossego*: livro-caixa, livro-sensação?” : “ Ocorre que o *Livro do desassossego* não é rigorosamente um livro-caixa, é como o livro-caixa de um guarda-livros imaginário, ou, ainda, de um guarda-livros que, em vez de livros, guardasse sensações. Alberto Caeiro é guardador de rebanhos, de idéias? Ou antes, agia como se os guardasse? E seus rebanhos eram suas idéias? Bernardo Soares guarda livros, ou melhor, *como que* guarda livros, que são suas sensações. Um, era guardador de rebanhos/idéias; o outro, guardador de livros/sensações”⁵⁹.

O *Livro do desassossego* é uma série de apontamentos sobre o ambiente que cerca os medíocres acontecimentos da vida de Bernardo Soares, habitante de quartos de aluguel ajudante de guarda-livros, na Baixa Lisboeta, no escritório do patrão Vasques. Esses apontamentos transfiguram-se, sempre, em reflexões de caráter psicológico, filosófico e estético: a tensão entre o real e o irreal, a angústia, o tédio, “a depressão profunda e calma”, o cansaço, o enervamento, a inquietação, a ansiedade, a sensação de vazio e de mal-estar o conflito interior, a depressão, a evanescência, enfim, a incompetência para viver e para amar. Retomando, portanto, os grandes temas pessoanos, os fragmentos do escriturário-escritor trazem uma marca indelével e um mérito indiscutível, na medida em que Pessoa, tendo vivido, tal como Mallarmé (1842-1898), “a crise do verso”, busca romper os limites da linguagem, nestes desassossegados passos, por exemplo: “ a vida é um embrulhar-se sem onde”; “o corpo do homem vive enquanto ele dura, mas os poemas que ele escrever vivem sem enquanto”⁶⁰. Não será mera coincidência a ressonância do *Livro* na gramática das veredas de Guimarães Rosa (1908-1967). No *Livro do desassossego* reaparece a aventura estético-metafísica de Pessoa, através de uma linguagem de incomum

⁵⁸ GALHOZ, Maria Aliete. *O cit.*, p. 100.

⁵⁹ MOISÉS, Massaud. *O cit.*, p. 139-140.

⁶⁰ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p.258.

vigor expressivo, por força do poder transfigurador que lhe é conferido pelo uso inventivo do léxico, dos deslocamentos morfológicos, dos desvios e transgressões da sintaxe. A prosa é o lugar preferencial de Bernardo Soares. Em certa passagem, Bernardo Soares declara: “Estou em um desses momentos, e escrevo estas linhas como quem quer ao menos saber que vive”. Não se podia esperar outra coisa: Bernardo Soares vive porque escreve; e se por um lado escreve nos livros da aventura ou da epopéia comercial de Vasques e Ca, , escreve sobretudo os fragmentos que explicam como a não-vida se transforma em escrita e como estão não-vida consegue superar-se por ela mesma, de maneira a constituir o lugar onde a escrita consegue a operação alquímica que faz da vida quase nula, ou até nula, em termos sociais, a vida pela escrita, da escrita e para a escrita.. Situação tanto mais importante quanto não se pode compreender nenhum movimento ou afirmação de Bernardo Soares sem pensar na predeterminação que, na sua vida, representa a escrita: “Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrear. As palavras são para mim corpos tocáveis, seres visíveis, sensualidades incorporadas”⁶¹. Como não poderemos entendê-lo de maneira coerente se não formos capazes de avançar na espessura da floresta literária, e no seu onirismo, com a mesma veemência deste ajudante de guarda-livros que passou a vida no escritório de um “quarto andar alto da Rua dos Douradores”.

Tratando da obra inteira – mas não inteiriça – de Pessoa, conclui Eduardo Lourenço: “Quem sonhou todas estas ficções foi o passeante da Rua dos Douradores, um homem triste por não existir como se sonhava, irmão gêmeo por dentro de Luís da Baviera, prisioneiro como ele de idênticos fantasmas. Enquanto se inventava poeta e nos sonhava mais angustiados do que somos, mais perdidos do que ele se sentia, mais tristes do que ele era, ia escrevendo como quem transcreve o sonho que o está sonhando, o livro do seu Desassossego. Não há na nossa literatura prosa mais luminosamente suicidária (...). Aí está o retábulo da sua Vera e incruenta paixão. É um retábulo simbolista pouco conforme ao *mito-Pessoa* de um vanguardismo estridente e tão exterior, mas talvez esse mito não seja mais do nosso engano que da sua verdade. Toda a sua vida foi simbolista. Nem há na literatura do Ocidente mais completa expressão do Simbolismo. O Modernismo foi a sua e nossa ficção. Devolvamo-la para terminar, à sua verdade-ficção, à sua dolorosa realidade de

⁶¹ Id., ib., p. 254.

amante da Morte, de herói da impossibilidade de amar como o seu duplo e não menos wagneriano Luís Segundo Rei da Baviera”⁶².

Qual a natureza do *Livro do desassossego*? Diário? Romance? Anti-romance (Maria Lúcia Dal Farra)? Diário-testemunho? Poemas em prosa? Ficção? Confissão? Diário íntimo? Diário íntimo e intermitente, interregno, figuras, figurações, ficção de uma ficção, suposta confissão, retalhos, apreensões fortuitas, fulgurações, lancinantes “lançamentos”, inventário do cotidiano, “epopéia comercial”, “epopéia pobre”, “história epopéica da empresa Vasques e Ca.”, “refugio”, “lixo”, sondagem de repentinos enigmas, imagens, *flashes*, “falso diário íntimo” (João Gaspar Simões), fraude, logro, “geometria do abismo”, “falsas reminiscências”, “cacos”, “*bric-à-brac* dos arredores”, “pós-critos do perdido”, baú de ilusões e despistes, “livro suicidário” (Eduardo Lourenço), “auto-de-fé (como a denominou William Pereira, diretor que verteu, para o teatro – com o nome de “Sinfonia de uma noite inquieta”, o *Livro*, onde há um fragmento com esse título), “impressões sem nexos”, ato de contrição, relato confessional, réquiem, “sumário do século e sua angústia” (segundo Ioram Mercer, que o verteu para o hebraico), espaço literário “transeunte” entre o canto, a idéia e a efabulação onírica, “trechos, bocados, excertos do inexistente”, fabulações simbólicas, “prosa de devaneio”, “versos em prosa”, rosa poética, diário obsessivo, “intervalo”, “divagações sem pressa”, “diário ao acaso”, “diário íntimo, conquanto feito de elementos heterogéneos” (PRADO COELHO), “ficções do intervalo e do descaminho”, manchas de discurso uniforme, floresta de frases, “consciência intervalada”, colagens, ilustrações, ritmos, histórias sem vida, registros, entre-acto, promessas, intervalos, “autobiografia de alguém que nunca teve vida”, autobiografia sem marca, sem rosto ou rastro definidos, “teatro íntimo de sonhos”, biografia de um “transeunte de tudo”, sinuoso viés de um diário de náusea e vazio, memória crucial do fingimento pessoano, “luars”, máximas, especulações, credo estético, anotações, observações, “*lunar scene*”, “diário ao acaso”, projetos, odisséia literária, devaneios, visões, exames de consciência, obra amorfa, devaneios, “Paciências”, epigramas, aforismos, “frases e esgares”, jogo de máscaras, constelações, anotações, meditações fragmentárias, meditações filosóficas, construção poética, laboratório poético, incipientes ensaios, rascunhos, esboços, marginalia (e viva o

⁶² LOURENÇO, Eduardo. Fernando rei da nossa Baviera. In: *Jornal de Letras*, Lisboa, 26 de novembro de 1985.

parentesco íntimo com Mário de Andrade), colagens, imagens, ilustrações, conjunto heteróclito, notas, experimentações, iluminações, meditações, *pensées* à la Pascal, epifanias, estilhaços, fulgurações, formas, formas irrealizadas, *gestalt*, cristais, fagulhas, lampejos, “relâmpago íntimo”, faíscas, *insights*, *eurekas*, impressões, elucubrações, descrições, relatos, reflexões, *incidents* (BARTHES), satori, ruínas, simulacros, *fleurs du mal de vivre*, aquarelas, fragmentos de um discurso sonhador, discurso, texto, escritura, *écriture artiste*, projeto artístico, objeto de linguagem, artifício, laboratório de linguagem, busca de linguagem, aventura da linguagem, obra, livro, liberdade livre, discurso divagatório e fluente como o rio ou como as nuvens que passam: “Nuvens... Existo sem que o saiba e morrerei sem que o queira. Sou o intervalo entre o que sou e o que não sou, entre o que sonho e o que a vida fez de mim, a média abstracta e carnal entre coisas que não são nada, sendo eu nada também. Nuvens... Que desassossego se sinto, que desconforto se penso, que inutilidade se quero! Nuvens...”. Poder-se-ia classificar esse *Livro* com o subtítulo de *Macunaíma* (1928), do também fundador do Modernismo, este brasileiro, Mário de Andrade: “sem nenhum caráter”; e, por essa condição mesma, com todos os caracteres, que se indicam, por exemplo, nos títulos dos trechos: “estética da indiferença”, “viagem na cabeça”, “marcha fúnebre”, “apoteose do absurdo”, “sentimento apocalíptico”, “maneira de bem sonhar”, “diário lúcido”, enfim, uma enumeração caótica, como o inventário de heterônimos, orquestrado por um “semi-heterônimo”, que inscrevia contas num Livro de Razão, e escreveu um Livro das Des-razão.

“(…)Amálgama de coisas várias, desde o édito ao inédito, desde o ortónimo ao semi-heterónimo, desde o texto acabado, vagorosamente esculpido, ao fragmento ocasional, ao simples esboço, ao apontamento rabiscado em poucos segundos, quem sabe se entre o sono e a vigília, à carta que chegou ou não a ser enviada, aos pedaços de um ensaio jamais concluído (...)”⁶³. “A minha alma é fraca de mais para ter sequer força do seu próprio entusiasmo. Sou feito das ruínas do inacabado e uma paisagem de desistências a que definiria o meu ser. Divago, se me concentro; tudo em mim é decorativo e incerto, como um espetáculo na bruma”, confessa Bernardo Soares⁶⁴. De acordo com Maria Alzira Seixo, em *A palavra do romance, ensaios de genologia e análise*, “com o *Livro do desassossego* é

⁶³ COELHO, Jacinto do Prado. *Loc. cit.*, p. XVIII.

⁶⁴ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p. 500.

toda a paisagem da criação que se reconstitui no jeito mais irremediável da sua perda que é a da conversão em monumento (livro), vislumbrada na detenção em fragmentos e na defesa de uma descontinuidade mantida; Bernardo Soares, semi-heterónimo, nem sequer perfeita emanção do Poeta, à partida condenando ao interstício e indefinição, condensa nas potencialidades do texto esse germe dos arredores do literário e do genológico que vai marcar toda a literatura posterior e, ‘súbdito do abismo e da ficção’, dela faz essa perigosa oscilação sobre o instável que é temor do precipício que a palavra abre (e basta falar de si, de nós...) e que a palavra sutura (sossego de ler, repouso da imaginação construtiva)”⁶⁵.

Assim como não existe um autor decisivo do *Livro do desassossego*, tampouco uma edição definitiva, não há uma maneira de se lê-lo, na medida em que se constitui um labirinto com múltiplas entradas e inúmeras saídas. O ideal mesmo será perder-se nesse labirinto do texto. Conforme Maria Lúcia Dal Farra, “fiéis ao espírito desalinhavado com que se doaram à posteridade, esses fragmentos (produzidos entre 1913 e 1935) recusam, por isso mesmo, a costura tradicional do livro, impondo-se como cartas avulsas e embaralhadas, prontas a ganhar qualquer feição caleidoscópica”⁶⁶. O próprio desassossegado *Livro* aponta: “Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida. Sou uma espécie de carta de jogar, de naipes antigo e incógnito, restando única do baralho perdido”⁶⁷. Nos múltiplos caminhos cruzados, na criação de um sentido hesitante e disseminado, o leitor escolherá suas sendas, dado que o estatuto impreciso de uma escritura polimorfa e descentrada “*sème à tous vents*”. A seu bel prazer, o leitor embrenha-se na “floresta de símbolos” (BAUDELAIRE) do *Livro do desassossego*, “*puzzel* sem desenho reconhecível”. Ao “devaneio e desconexo lógico” dessas enigmáticas páginas, o leitor responderá com a reinvenção de um caminho todo seu, que lhe proporcione aquela *rêverie*, ou sonho acordado, a atividade onírica com um luar de consciência, de que fala Bachelard. (1884-1962). Personalidade híbrida, intervalar e transicional, Bernardo Soares embaralha os heterónimos todos, incluindo-se o próprio – ou impróprio - Fernando Pessoa; por que não embaralhar as folhas soltas do *Livro do desassossego*? No hexágono da Biblioteca de Babel, o *Livro do desassossego* cataloga-se como o livro dos livros, livro *in fieri*, *in progress*, livro por vir (BLANCHOT). Se, para Mallarmé, “*rien n’existe que pour aboutir*

⁶⁵ SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance, ensaios de genologia e análise*, p. 39-40.

⁶⁶ DAL FARRA, Maria Lúcia. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*.

⁶⁷ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p. 201.

à un livre”, o projeto de Fernando Pessoa resulta num livro não- livro, epítome de todos os livros da Biblioteca de Babel. Ou, em termos estritamente pessoanos: “Com uma falta de literatura, como há hoje, que pode um homem de gênio fazer, senão converter-se ele só, em uma literatura?”. Assim falou, viveu e escreveu Fernando Pessoa, o “supra-Camões” (entretanto, Jorge de Sena estatui que “Fernando Pessoa não foi, e não é, o Super-Camões que ele profetizou. Mas é – e as farpas que a Camões várias vezes dirigiu são sintomáticas – o anti-Camões”⁶⁸. “Pasma sempre quando acabo qualquer coisa. Pasma e desolo-me. O meu instinto de perfeição deveria inibir-me de acabar; deveria inibir-me até de dar começo. Mas distraio-me e faço. O que consigo é um produto, em mim, não de uma aplicação de vontade, mas de uma cedência dela. Começo porque não tenho força para pensar; acabo porque não tenho alma para suspender. Este livro é a minha cobardia”⁶⁹. O grande texto, o texto total, o *Livro* como Universo, será, em última análise, a sua grande ambição, “o evangelho por escrever” e impossível de escrever. Um “arca-texto”, um “arquitexto”: *L’architexte est donc omniprésent, au-dessus, au-dessous, autour du texte, qui ne tisse sa toile qu’en l’accrochant, ici et là, à ce réseau d’architexture*⁷⁰. O *Livro do desassossego* constitui o registro, em prosa poética, das circunvoluções dum semi-heterônimo em trono dum texto inalcançável, frequentemente referido e sempre almejado. A obra de Fernando Pessoa é a interpretação genial de uma incapacidade. Obra negada, estrutura falhada, estrutura ausente, alma sem corpo, corpo sem alma, não-livro de alguém que vivendo o não-ser, se negou a ser, o *Livro do desassossego* - velado, revelado, oculto, descoberto, reencoberto -, é apócrifo demais para ser um só; tal qual seu pressuposto autor e seus suspeitos autores é, no topo da literatura, uma esfinge que devora a quem o quer decifrar e cifra a quem por ele se deixa devorar. Para ser, ou não ser, Pessoa outrou-se. Eu, pessoei-me. Ou impessoei-me. Em livre desassossego..

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond de. As identidades do Poeta. *Colóquio-Letras*, Lisboa, no. 88, novembro de 1985.

ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

------. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

⁶⁸ SENA, Jorge de. *Fernando Pessoa & ca. Heteronímia*, p. 183.

⁶⁹ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*, p. 168.

⁷⁰ GENETTE, Gérard. *Introduction à l’architexte*, p. 89.

- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: EMECE, 1986.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Unidade e diversidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: EDUSP, 1977.
- . Fernando Pessoa sempre existiu. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Lisboa: Ática, v. I.
- CRESPO, Angel. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Estampa, 1988.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. 2.ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003 (orelha).
- GALHOZ, Maria Aliete. *O Livro do desassossego*. In: SARAIVA, Arnaldo. *Encontros, desencontros*. Porto: Paisagem, 1973.
- GARCIA, José Martins. *Fernando Pessoa, "coração despedaçado"*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1985.
- GENETTE, Gerard. *Introduction à l'architexte*. Paris: Seuil, p. 88.
- GIL, José. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio d'Água, s.d.
- LIND, Georg Rudolf. *O Livro do desassossego*, breviário do decadentismo. In: *Persona*, no. 8, Lisboa, março de 1983.
- . Reflexões acerca da estética de Fernando Pessoa. In: PESSOA, Fernando. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Lisboa: Ática, s.d.
- LOURENÇO, Eduardo. Fernando, rei da nossa Baviera. In: *Jornal de Letras*. Lisboa, 26 de novembro de 1985.
- MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- MUCCI, Latuf Isaias. *Ruína & simulacro decadentista: uma leitura de Il piacere*, de D'Anunzio. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Introdução ao desassossego. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PESSOA, Fernando. *Páginas de doutrina estética*. Lisboa: Inquérito, 1946.
- . *Cartas a João Gaspar Simões*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1982.
- . *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- . *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- . *Livro do desassossego*. 2.ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- QUADROS, António. *Fernando Pessoa, a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1982.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Correspondência com Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance, ensaio de genealogia e análise*. Lisboa: Horizonte, 1986.
- SENA, Jorge de. *Da poesia portuguesa*. Lisboa: Ática, 1959.
- . *Fernando Pessoa & Ca. Heteronímia*. Lisboa: Ed. 70, 1982, v. I.
- ZENITH, Richard. Introdução. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. 2.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.